



Série 808 do Ponto e Vírgula

Beatriz Huang, Escola da APEL (Funchal)

03 . Vão as máquinas
substituir o Homem?

05 . Exames Nacionais:
sim ou não?

AFONSO SILVA

EBS de Machico



EDITOR POR UM DIA

Particpei no Concurso Grande Ideia no passado ano letivo, em 2023, na categoria Poesia. Fiquei apaixonado pelo objetivo de incentivar os alunos a criar e experimentar novos desafios e, por isso, foi-me dada a oportunidade, este ano, de me tornar correspondente do PV na EBS de Machico e, recentemente, de participar na rubrica 'Editor por um dia'.

No meio de tantos artigos incríveis, o título 'Vão as máquinas substituir o Homem' despertou a minha atenção. O texto da aluna Luana Silva propõe-nos questões atuais sobre a substituição humana, mostrando um ponto de vista único sobre a complementaridade entre o Homem e a Máquina.

Outro artigo que achei extremamente importante foi 'Exames Nacionais: sim ou não', da Mariana Abreu, aluna da EBS/PE da Calheta. O texto aborda a obrigatoriedade dos exames nacionais, demonstrando pontos a favor e contra. Este artigo questiona, não só

a obrigatoriedade, como também a relevância destes na carreira futura do estudante. Na verdade, toda esta edição é singular!

Obrigado à equipe do PV pela extraordinária oportunidade de ser o "primeiro leitor" da edição de fevereiro.

Foi uma experiência incrível!!

BOAS LEITURAS.

LIKE! LIKE
f i g
@PVNAESCOLA



O PARQUE ECOLÓGICO E AS ALTERAÇÕES CLIMÁTICAS

O parque ecológico situa-se no Funchal e dá a oportunidade a qualquer pessoa de participar em atividades radicais, como voo livre, *canyoning*, *trail running* ou ciclismo, até às mais "pacíficas", como observação de aves e caminhadas, permitindo que todos entrem em contacto com a Natureza.

A nível global a Natureza tem vindo a sofrer, cada vez mais, com as alterações climáticas. Mas, será que já existem indícios das mudanças ambientais no parque ecológico do Funchal?

A Engenheira Florestal Afra Martins, responsável na sua equipa por verificar o estado de vitalidade das árvores no parque ecológico, refere, de um modo geral, que a alteração mais visível é o aumento das pragas e doenças. No entanto, também identifica outras consequências, como a rápida adaptação das espécies invasoras e a dificuldade das já existentes de se desenvolverem. Estas alterações estão relacionadas com as variações dos padrões normais de temperatura.

Existe também uma ligação com a irregularidade e intensidades anormais da chuva. Afra Martins apresentou o exemplo das plantações realizadas entre os meses de setembro e de abril do ano de 2023, que costumam ser chuvosos, mas que foram quentes, fazendo com que a probabilidade de as plantações sobreviverem seja reduzida. Uma vez que são áreas muito extensas, apenas a Natureza consegue irrigar as plantas, o que prejudica os trabalhos de plantação efetuados pelos trabalhadores do parque.

Todos aqueles que queiram ajudar o Parque a combater os efeitos das alterações climáticas, contribuindo para esta causa, podem sempre participar nas ações de voluntariado existentes, como, por exemplo, na plantação de árvores por repicagem (mudança de meios dos microrganismos), o que ajudará, por exemplo e a longo prazo, a evitar os deslizamentos de terras.

Júlia Caldeira e Gonçalo Araújo
Escola da APEL (Funchal)



VÃO AS MÁQUINAS SUBSTITUIR O HOMEM?



TECNOLOGIA

Os avanços na tecnologia geram discussões sobre a substituição de humanos por máquinas. Este tema é debatido nas conversas diárias e nos *media*. Na minha opinião, as competências humanas e a automatização são complementares.

As máquinas são eficientes e precisas, mas carecem da intuição e da criatividade humanas. A capacidade humana de inovar e de se adaptar a situações imprevistas é inegável na resolução de problemas complexos. Embora sejam avançadas, as máquinas sempre dependerão da mente humana para criar soluções inovadoras.

A automatização também pode ser vista como uma oportunidade. Ao libertar o homem de tarefas repetitivas, gera-se espaço para que ele exerça outras funções, essenciais ao processo criativo. Este fenómeno não só transforma o mundo do trabalho, mas também promove o surgimento de ideias e projetos inovadores. Em suma, a harmonia entre o homem e a máquina é o caminho a seguir. As máquinas podem melhorar a eficiência, mas nunca substituirão a singularidade da mente humana.

Luana Silva
EBS Padre Manuel Álvares
(Ribeira Brava)

PORTO SANTO APOSTA NO 3D

A Escola Básica e Secundária com Pré-Escolar e Creche Prof. Dr. Francisco de Freitas Branco conta com um projeto inovador; chama-se Modelagem e Impressão 3D e 2D. Dinamizado pelo docente Roberto Leão, o projeto visa fomentar o uso das tecnologias, tão presentes no nosso quotidiano, para transformar a imaginação e a criatividade, de alunos e professores, em objetos reais, criando arte.

Este projeto promove a criação de obras artísticas híbridas, que integrem objetos em formato 3D produzidos com materiais reaproveitados e de uso diário. Vivemos num mundo em que cada vez mais a tecnologia 3D está presente nas nossas vidas e o mercado de trabalho necessita de pessoas que, através das tecnologias, consigam criar máquinas ou objetos que possam contribuir para o avanço da ciência.

É importante que os jovens comecem, desde cedo, a contactar com tecnologias e saibam respeitar certas regras de segurança. Neste projeto, trabalha-se, também, a utilização de sistemas

elétricos simples (utilização de leds, pilhas, motores elétricos, interruptores, pequenos painéis fotovoltaicos) e promove-se a cooperação entre as diferentes disciplinas com a criação de materiais impressos em 3D (figuras geométricas, decorações para épocas festivas, entre outras).

A Modelagem 3D conta com a participação maioritária de alunos do segundo ciclo, mais seduzidos por esta tecnologia. A sua função lúdico-pedagógica, na nossa escola, é uma mais-valia para toda a comunidade escolar.



Inês Silva e Leonor Drumond
EBS/PE/C Dr. Francisco de Freitas Branco
(Porto Santo)



ILUSTRAÇÃO

'ENTRE FRAGMENTOS'

A BUSCA UNIVERSAL PELA IDENTIDADE



Como jovem apaixonada pela busca da autenticidade, a minha jornada artística começou na Escola Secundária de Francisco Franco. Aos 17 anos, encontrei nas artes visuais não apenas uma paixão, mas um caminho de autoexpressão genuína. Durante a quarentena, num período de autodescoberta, a minha arte tomou um rumo significativo. Abandonando inicialmente a ideia de seguir Medicina, concentrei-me nas artes visuais, explorando diversas formas de expressão enquanto buscava o meu estilo único. Foi a partir da obra 'Entre Fragmentos', uma pintura e colagem sobre papel preto A5, onde um rosto abstrato emerge de entre as sombras, que nasceu a exposição 'Molis - sobre pressão'. 'Entre Fragmentos' é mais do que uma simples obra, é uma exploração visual da busca universal pela identidade. No papel preto, a complexidade ganha vida, destacando a pressão constante em encaixar-se em rótulos predefinidos.

A obra retrata a perda gradual da autenticidade ao tentar definir-se, convidando os observadores a refletirem sobre a complexidade intrínseca da autodefinição. Nesta obra, lanço luz sobre a tensão entre a necessidade de pertencimento e a preservação da singularidade. Convido cada espectador a mergulhar na narrativa poética desta pintura, e a perder-se nas *nuanças* da complexidade humana e, simultaneamente, a encontrar-se no processo. 'Entre Fragmentos' é uma expressão artística que transcende os limites convencionais. A minha esperança é que esta obra ressoe e inspire, destacando a beleza única que encontramos quando permitimos que nossa verdadeira essência se revele.

Micaela Martinez
ES de Francisco Franco
(Funchal)

SAÚDE MENTAL E A DOR DE PENSAR



ARTIGO
de OPINIÃO

A saúde mental é uma vertente fundamental na saúde humana. É sentirmo-nos bem connosco próprios, é sermos capazes de lidar de forma positiva com as adversidades, termos confiança e não termos o futuro. Os principais fatores que contribuem para uma saúde mental instável é o isolamento, o distanciamento social de familiares e amigos, a inatividade física e mental, entre outros.

Antigamente, por exemplo, a suscetibilidade de as pessoas contraírem problemas mentais como ansiedade, esquizofrenia, atrasos mentais ou até mesmo depressão, era à partida maior, uma vez que a falta de conhecimento, devido ao pouco avanço tecnológico, contribuía para que a sociedade, de uma certa forma, desvalorizasse e visse estes problemas como um estigma. É neste contexto que Fernando Pessoa, portador de "histeria", como o afirma na Carta a Adolfo Casais Monteiro, denomina Alberto Caeiro, um heterónimo criado por si, como o mestre, pois este parece apaziguá-lo, apresentando uma forma de escapar ao sofrimento que aquela doença o fazia enfrentar — a constante dor de pensar — encontrando uma forma de ser feliz, ao abstrair-se e refugiar-se na natureza e ao "não pensar". Ainda assim, é provável que a sua frustração quanto à indiferença que o mundo possuía por tudo o que o atormentava, o levasse a adotar vícios como o álcool e até mesmo o consumo de ópio.

Atualmente, a pandemia fez com que estes quadros clínicos se agravassem, assim como as novas tecnologias, que nos têm afastado cada vez mais do mundo e daqueles que amamos, principalmente através das redes sociais, onde procuramos viver uma realidade inexistente e inalcançável, uma vez que estas só trespassam pelo ecrã, aquilo que é visto como "perfeito" para os utilizadores.

Concluindo, a saúde mental é realmente um problema intemporal. No entanto, temos de ser capazes de, ao debatermo-nos com as adversidades que a vida nos propõe, darmos a volta, praticando exercício físico, reforçando os nossos laços com o meio, consultando um psicólogo quando necessário, e não nos isolarmos, de forma a não sermos dominados por estes problemas e, acima de tudo, não deixarmos que estes condicionem a nossa qualidade de vida.

Eduarda Serrão
EBS de Machico



Os trabalhos giram em torno da temática do rosto humano e do retrato, tendo os alunos procedido à simplificação do seu autorretrato, aplicando processos de síntese e de transformação, com recurso à sobreposição, simplificação, nivelamento, escala e repetição, explorando intencionalmente o potencial expressivo dos materiais característicos do desenho, como é o caso dos lápis de grafite, da tinta-da-china e da aguarela. Os alunos exploraram a mancha procurando desenvolver a ideia de desenho de contorno e de silhueta, tão caros à artista plástica Lourdes Castro.

AUTORRETRATOS

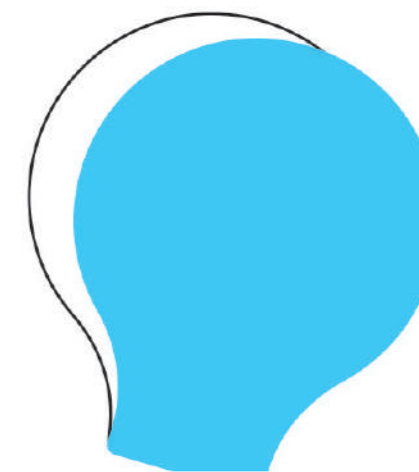


Anahis Gouveia EBS D.ª Lucinda Andrade (São Vicente)



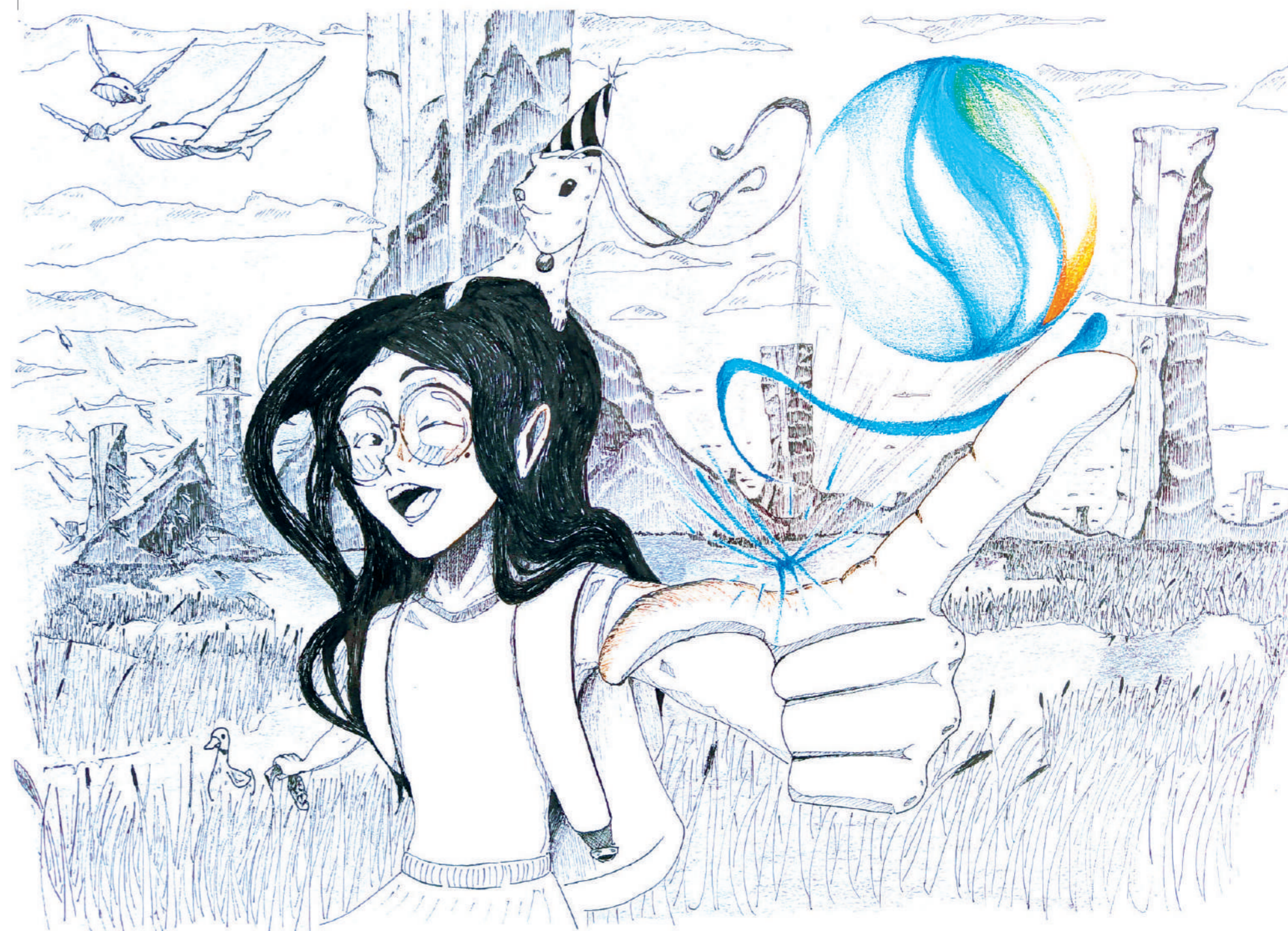
Carlos Fernandes EBS D.ª Lucinda Andrade (São Vicente)

PLAZA MADEIRA



grande ideia

CONCURSO ESCOLAR



Se és aluno do secundário,
PARTICIPA na tua escola! //

A COR QUE CRIAMOS COM AS NOSSAS BRINCADEIRAS

Bruno Perdigão
Escola da APEL
(Funchal)



O QUE A DISTÂNCIA NÃO PODE SEPARAR!

À medida que as folhas das árvores adquiriam os tons dourados de outono, Aurora e Marcos passeavam de mãos dadas pelo parque. Haviam passado mais de um ano construindo uma união inquebrável. As suas risadas soavam por baixo das árvores, criando memórias que ficariam gravadas nos seus corações. Todavia, a separação iminente pairava sobre eles como uma sombra que se preparava para os engolir num sorvo sófrego. Marcos com o coração pesado revela que voltaria para o seu país de origem. Uma oportunidade de trabalho! Infelizmente, ele teria de deixar Aurora e a vida que construíra ali. Os últimos dias foram um turbilhão de emoções! Fotografaram cada momento, sempre com a esperança de que o tempo congelasse.

Tudo o que é bom dura pouco e o fatídico dia chegara! O dia amanhecera cheio de luz, anunciando dias felizes. Ó pobres corações, dilacerados pela despedida imposta por um *fatum* implacável e insensível! No aeroporto ressoava o adeus sussurrado na esperança de que não houvesse um adeus e os abraços chorosos escorriam como a água cristalina que jorra de uma fonte centenária enegrecida pelo tempo. Aurora com um sorriso valente abraça Marcos. Trocaram-se olhares carregados, conscientes de que os tempos que se seguiriam seriam desafiadores e que iriam por à prova o amor agora maculado pela distância!

Os dias turvos convertem-se em semanas, as semanas em meses e assim decorreram dois anos. O fuso horário e os horários preenchidos dificultavam a sua comunicação, no entanto permaneceram juntos. As videochamadas noturnas e os encontros virtuais converteram-se no seu salva-vidas.

Aurora submergiu no seu trabalho, encontrando consolo na rotina e no apoio dos entes queridos. Marcos também navegou por mares desconhecidos, tentando agora adaptar-se à sua nova forma de viver. Mesmo separados pela imensidão do Atlântico, todos os dias partilhavam momentos das suas vidas, as saudades imensas de todos os momentos felizes que passaram juntos.

Com o passar do tempo, a dor inicial transformou-se numa aceitação agridoce. Aprenderam a apreciar o presente, encontrando alegria nas memórias partilhadas e na antevisão de um futuro juntos. A distância, uma barreira que parecia intransponível, converteu-se na testemunha enternecida das suas forças.

Um dia, durante uma videochamada, Aurora surpreendeu Marcos com a notícia de uma visita há muito planeada pelo seu coração. A emoção toma conta das suas vozes! À medida que os dias se aproximavam, os seus corações batiam em harmonia, como que entoando um hino que celebrava o facto de poderem novamente voltar a abraçar-se.

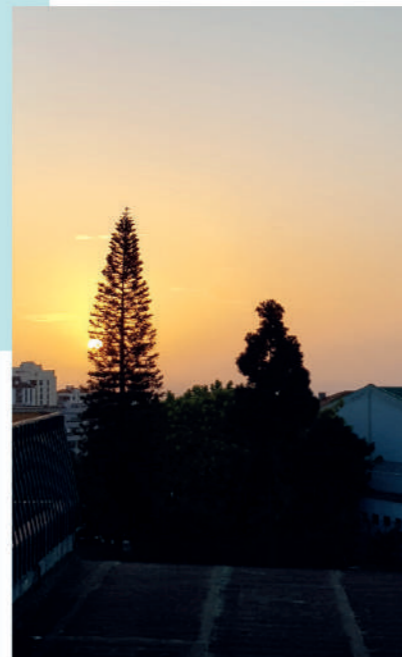
O dia tão desejado chegara. O coração de ambos transbordava de alegria que parecia doer de tanta felicidade! Quando Aurora volta a abraçar Marcos, ambos sentiram o reafirmar do seu amor e que agora parecia cintilar à luz do sol promissor.

E assim, Aurora e Marcos, de mãos dadas e olhos postos no futuro, compreenderam que o amor é mais forte do que qualquer distância.

Leonor Silva
EBS de Machico



LIBERTANDO AS SOMBRAS



Ana Jesus
EBS Gonçalves Zarco (Funchal)



A SOMBRA DA EXISTÊNCIA

Habitua-te à dor
Ela está sempre presente
Afasta-te desse tal de amor
Isso é coisa de gente doente
Dizes sempre "sim, senhor".
Não passas de um servente!
A criatura cospe-te na cara?
Se aceitas, não és diferente!
Tens medo do quotidiano,
Nem digas que o sentes!
Levantas-te de manhã,
Tens de ser consistente!
Comida no fim do dia?
Esporadicamente...
Já se é tinto ou branco...
Isso é-te indiferente!
O que realmente te diz respeito,
Se és fruto de um acidente?
Mas fazer o quê?

Acordas todos os dias,
Mas nunca consciente.
Olhas-te ao espelho,
Reflexo de um indolente
Mas será que és mesmo tu?
Não necessariamente,
(Pelo menos é o que dizem),
Mas ninguém fala comigo?
Não, intencionalmente.

Uma voz na minha cabeça
Dum inusitado sussurrar
De ocas palavras já gastas
Ecoam no meu crânio
Que se remexe sem parar.

Abnego-me das vontades mundanas e pensamento indecente.
Afinal, eu até sou forte, e não um delinquente!
Afasto-me, levemente, da saudade,
Não sinto mais as borboletas na barriga.
Não confio nessa sombra, ela é a minha maior inimiga.

Simão Pereira
EBS Gonçalves Zarco (Funchal)



CELEBRAÇÃO MAGNÍFICA DOS FINALISTAS ILUMINA A PONTA DO SOL

No passado dia 5 de janeiro, deu-se o aniversário da escola Básica e Secundária da Ponta do Sol, celebrado pelas emocionantes tradições da escola, desde a Benção das Capas dos finalistas, passando pela entrega de prémios até ao animado baile.

O desfile, até ao local da cerimónia, foi marcado por uma atmosfera festiva e alegre. Os finalistas, vestidos em trajés elegantes, marcharam pelas ruas da Ponta do Sol, compartilhando risos e abraços, criando um espetáculo que atraiu a atenção de todos os presentes.

Ao adentrar o prestigiado Centro Cultural John dos Passos, a aura solene do local acrescentou um toque de emoção à celebração. No interior, a entrega dos diplomas e certificados de mérito proporcionou momentos emocionantes para os finalistas e suas famílias. Os estudantes foram homenageados pelas suas conquistas académicas, destacando não apenas o seu esforço, mas também a dedicação de professores e familiares que os acompanharam ao longo dessa jornada educacional. Esta cerimónia também contou com os discursos da Presidente da Câmara da Ponta do Sol, Célia Pessegueiro, da Diretora da escola, Ricardina Andrade, e do Presidente do Governo Regional, Miguel Albuquerque. A tradição religiosa também desempenhou um papel significativo na celebração dos finalistas. A Benção das Capas, durante a missa, evidenciou não apenas o fim de uma jornada académica, mas também o início de uma nova fase na vida desses jovens. Esta situação foi marcada pelas emocionantes palavras da presidente da comissão estudantil, Margarida Macedo: «Esta cerimónia representa mais de 12 anos de caminhada vivenciados dentro das comunidades escolares, restando-nos um futuro excepcional pela frente.» Após a cerimónia formal, deu-se o partir de um bolo, que destacou a alegria partilhada por todos. A celebração atingiu seu ápice no baile realizado no Lugar de Baixo. Sob as luzes cintilantes, um DJ talentoso comandou a pista de dança, criando uma atmosfera eletrizante. Os finalistas e os seus convidados dançaram alegremente, criando memórias que levarão consigo para o resto de suas vidas.

Face a estes acontecimentos, o dia dedicado à escola e aos 66 finalistas do 12.º ano, vindos de quatro turmas e três cursos, Ciências e Tecnologia, Línguas e Humanidades e Desporto, deu-se por terminado após momentos muito emocionantes e alegres. Este dia certamente será lembrado por estes jovens promissores enquanto embarcam em novas aventuras e desafios.

Francisca Cerdas
EBS da Ponta do Sol



ALUNO DE 20 DESAFIA COLEGAS A TER AMBIÇÃO

REPORTAGEM



GUILHERME MARTINHO MARQUES

Apartida, é um nome como outro qualquer: Guilherme Martinho Marques. Mas, quem esteve atento ao percurso académico dos alunos da Escola Secundária de Francisco Franco destaca o jovem que, em 2022/2023, terminou o ensino secundário com média final de 20 valores e fez o brilhante de arrebatar também o 20 no exame nacional de matemática.

A nossa reportagem seguiu o trilha deste jovem. Não apenas por ter sido aluno de excelência, mas pelas suas lições que podem inspirar cada estudante. Neste momento, frequenta o primeiro ano do curso de medicina, na Universidade da Madeira, e, daqui a dez anos, perspetiva um futuro com uma licenciatura, a especialidade concluída e «a prestar serviço num hospital português».

Guilherme partilha também algumas sugestões com os colegas que sonham ingressar no ensino superior: «Ao entrar na universidade, apercebi-me imediatamente de várias diferenças comparando ao secundário. Muito do trabalho passa a ser feito de forma autónoma, a estudar em casa, por exemplo, e temos muito mais matéria para estudar, claro. Contudo, é extremamente gratificante notar que estamos realmente a aprender coisas que nos serão úteis no nosso futuro. Dito isto, a um finalista do 12.º, aconselharia que tente falar com universitários do curso em que está interessado para tomar uma decisão mais informada e que aproveite bem as férias de verão.»

Há três anos, quando pisou pela primeira vez a ESFF, admite a sua surpresa com «o tamanho da escola». Inicialmente, chegou a ser «um pouco assustador». O tempo tudo esclareceu. O que parecia demasiado grande, na «realidade, só trouxe benefícios». A porta para as amizades marcantes foi aberta até hoje: «Deu-me a possibilidade de conhecer muitas pessoas que agora tenho como amigas para a vida», reconhece.

A conquista do topo nas notas aconteceu com o Guilherme e pode repetir-se com outros alunos. Qual o segredo? «Depende do que funciona de pessoa para pessoa e, portanto, não existe uma receita certa para o sucesso académico.» Ainda assim, recomenda: «Ter ambição para atingir boas notas, empenho para as conseguir e valorizar o descanso.» Eis os segredos-chave para o êxito.

Despedimo-nos do nosso sempre colega com a gratidão da partilha e do desafio à ambição e ao empenho. Fica a lição de que é preciso embarcar na aventura de saber ousar, ir além.

Maria Inês Silva

ES de Francisco Franco (Funchal)



SEM TÍTULO



Afonso Ferraz

ES de Jaime Moniz (Funchal)

O MEDO DA BANALIDADE

Temos medo de sermos banais,
De sermos comuns,
De não sermos **ESPECIAIS**.

Por isso, não cantamos alto,
Para não sermos desafinados.
Não fazemos música,
Porque não somos o Mozart.
Não pintamos,
Porque não somos o Picasso.
Não dizemos que **AMAMOS**,
Porque a nossa voz pode tremer.

Tentamos estar sempre bonitos,
Mesmo quando choramos.
E não dançamos,
Porque não dançamos bem.

Mas a verdade é que somos banais,
Em muita coisa.
Não somos assim tão bons.

Por isso, **PARA** de te proibir,
De aproveitar as coisas que amas fazer.
Só porque não és um prodígio,
Em tudo o que fazes.

GRITA a música que mais gostas,
Em plenos pulmões.
Confessa o teu amor,
E deixa a tua voz falhar.
Chora lágrimas feias e pesadas,
E dança, dança muito mal.

Porque a vida é demasiado curta,
Para termos medo de sermos humanos.

Pedro Afonso

EBS/PE/C do Porto Moniz



E TUDO A MAÇONARIA LEVOU

Em 1768, Leal de Herédia e seus companheiros fundaram a primeira Loja Maçonica. Cinquenta e um anos depois, eu e o Rui fomos convidados a entrar nessa sociedade. Conheço-o desde que me lembro, para mim ele era como um irmão. Ficámos ambos sem pais num acidente trágico e éramos a única família um do outro. Em 1819, ano em que fomos convidados, pairava sobre Portugal um clima de Revolução. Na Ilha da Madeira, todos estes assuntos eram censurados devido à grande religiosidade da região.

Como jovens cultos, ambos fomos convidados a entrar para a Maçonaria. O Rui estava maravilhado, já eu estava horrorizado. Sempre fui religioso e, francamente, as ideias de Revolução e rebeldia pareciam-me repulsivas. Onde o Rui via “Liberdade, Igualdade e Fraternidade”, os lemas da Maçonaria, eu via um banho de sangue prestes a banhar a região. Rapidamente saí daquele meio, e pedi ao Rui que fizesse o mesmo, porque soava cada vez mais a Robespierre. Como é que algo que era suposto fazer as pessoas mais educadas e livres, tornava-as cada vez mais violentas? A cada visita ele afastava-se mais de mim. Até o dia em que explodi e disse-lhe que, se ele continuasse assim, ia perder não só a mim, como também a sua devota esposa, Ana de Herédia, filha de Leal de Herédia. Ana nunca tolerou o pai depois deste ter abandonado a sua mãe, infetado dessas heresias liberais. Como é óbvio, Rui nunca lhe disse nada sobre as suas idas à Loja Maçonica. Ao ver o meu afastamento, Rui gritou, disse-me que estava louco por não querer tal progresso para a nossa ilha. Mas que culpa tenho eu? Começavam a falar de Liberalismo, como se fosse algo bom, quando na verdade levaria a região a um fosso. Depois desta discussão, deixámos de falar. Mas mantive a minha amizade com Ana, em parte para protegê-la daquela loucura de Rui, em parte por ter um carinho enorme por ela. Íamos à mesma Igreja e ela costumava convidar-me para tomar um chá em sua casa, enquanto o Rui ia “almoçar com os seus amigos”.

Ana nunca gostou da nossa separação, mas nunca falou disso, porque sabia que me exaltava. Falávamos de arte, de antiguidade e de literatura, e a cada dia que passava, o carinho que tinha por ela tornou-se numa paixão. Num desses dias em que ia até a casa de Ana, oiço o Rui a gabar-se, bêbado, de trair a sua esposa. Quando chego a sua casa, tento não lhe contar, porque sei que a destruiria. Mas ela começou a idolatrá-lo. Então, não contive a minha raiva e num acesso de ciúmes contei-lhe não só da traição, como das suas idas à Loja Maçonica. Ana desata a chorar, abraça-me e deixei-a desabar no meu ombro. Passados alguns momentos, ela separa-se de mim e encara-me. Aqueles olhos de mulher-anjo enterreceram-me e, por momentos, pensei que tudo o que queria estava ali. Para minha surpresa, ela dá-me um beijo, doce e fugaz, mas depois calmo. E nos braços de Ana, esqueci tudo o que a Maçonaria levou.

Webgrafia:
<https://www.freemason.pt>

Eunice Alencastre

EBS Dr. Ângelo Augusto da Silva
(Funchal)



CONTO



OS MANUSCRITOS ABANDONADOS

Em tempos que já lá vão, o avô do Gustavo contava-lhe histórias. Ele era protetor, inspirador e paciente, especialmente ao lidar com as travessuras do neto. O Gustavo via-o como uma figura sábia, pois acumulava inúmeras experiências que vivenciava ao longo dos anos e as transformava em palavras nos seus admiráveis livros. As suas obras transmitiam lições de vida emocionantes, logo, era isso que o diferenciava na sua escrita e na sua personalidade, como célebre escritor. Os seus olhos brilhavam com paixão e entusiasmo a cada vez que contava uma das encantadoras narrativas e os do Gustavo faziam o mesmo sempre que as ouvia.

Muitos anos decorridos, o avô acaba por falecer. E Gustavo, com o coração pesado, recebe uma carta com uma notícia de que ninguém estava à espera: ele havia herdado a vivenda do seu avô. Esta informação foi surpreendente pois ninguém naquela grande família conseguia explicar o porquê de ter sido Gustavo o escolhido para ficar com a tão estimada casa. Todas estas questões levaram a que Gustavo, já crescido, se tenha mudado para a velha casa do avô. A casa era de pedra e situava-se no cimo de uma montanha, rodeada por árvores antigas e heras que se agarravam às paredes exteriores. O interior luxuoso era como se fosse uma grande biblioteca e os corredores prolongavam-se como labirintos. A casa permanecia repleta de nostalgia e mistério e cada canto evocava a presença do avô. Nesse tempo, Gustavo decidiu investigar o lar do seu avô motivado por uma grande vontade de descobrir mais acerca do seu parente e à procura de respostas sobre a sua tão inesperada herança. Até que, ao explorar o escritório, encontrou grandes pilhas de papéis a abarrotar de palavras escritas à mão. Quando Gustavo se pôs a lê-los, logo reconheceu que se tratava de manuscritos inacabados, visto que o neto conhecia todas as histórias já publicadas pelo avô. À medida que analisava as histórias por terminar, Gustavo encontrava-se cada vez mais envolvido nas mesmas. Cada página lida, era como descobrir mais sobre a vida e as experiências do seu avô, aprofundando, assim, a conexão profunda entre os dois.

Gustavo não conseguiu deixar de sentir-se emocionado após terminar a leitura de todas aquelas extraordinárias narrativas inacabadas que o tinham transportado para os momentos especiais em que ouvia as sábias palavras na voz do avô. Foi aí que, finalmente, compreendeu o porquê de ter herdado a sua velha casa: Gustavo era o único que realmente se interessava por todas as realizações do seu avô, então este escolheu-o para finalizar as suas obras e honrar o seu legado. E foi exatamente isso que aconteceu. Gustavo, inspirado pela história de vida e pela arte do seu avô, decidiu acabar as suas histórias, sempre com orgulho e determinação a transbordar do coração. Ao terminar, sentiu-se profundamente feliz e bastante unido ao próprio avô, pois tinha acabado de reviver todas as narrativas que tinham sido abandonadas, e pode regressar ao tempo feliz da infância.

Beatriz Freire

EBS Bispo D. Manuel Ferreira Cabral
(Santana)



MEMÓRIAS DO RECREIO



Clara Ferreira
EBS/PE/C Prof. Dr. Francisco de Freitas Branco
(Porto Santo)



A REVOLTA "DO PÓ BRANCO"

Não, não é a esse pó, branco e malfazejo, que me refiro, caro leitor. É ao outro... aquele que desejamos, todos os dias, à nossa mesa, logo pela manhã, camufladinho...

Era quinta-feira, 5 de fevereiro de 1931. A cidade do Funchal vestia-se de uma colossal agitação e eu estava no centro do grande acontecimento. Uma maré de rostos revoltos atingia a cidade. Carregavam bandeiras que esvoaçam ao vento, muito pó branco (minha rica farinha!) roubado das moagens e também moedores, que eram lançados para a ribeira como forma de protesto. — Que vem a ser isto?! — perguntava um velho homem, aturdido. — O povo saiu à rua! É hora de nos unirmos! — respondeu um transeunte.

A crise económica e social que assolava o meu povo via-se no movimento desta gente, que é a minha gente. Não tinha muito tempo que o "Decreto da fome" (Decreto nº 19.273 de 19 de janeiro de 1931, assim apelidado) nos batera à porta, centralizando no Estado a importação do trigo, tornando, portanto, iminente a quase suspensão total da farinha e o conseqüente aumento do pão. Queriam matar-nos de fome?! Aqui e ali, ouvia as pessoas, não a

conversar, mas a atirar emoções ao ar: —Trabalhamos para ganhar o pão de cada dia. Se nos tiram o pão, que há de ser de nós? —Pão não é luxo! Pão é necessidade! — Só queremos pôr pão na mesa para os nossos filhinhos! Juntei-me à multidão, também com sede de expressar o meu desalento e, juntos, unidos, com farinha pelo ar e coragem no coração, éramos um só corpo e uma só voz. Pão para todos era a nossa luta! As autoridades locais, surpreendidas, viam-se a braços com a agitação inusitada e repórteres cedo acorriam para cobrir a histórica **REVOLTA DA FARINHA**. — Somos trabalhadores! Não somos vagabundos a pedir pão, não! Trabalhamos para sustentar a nossa família! Como vamos conseguir pôr pão na mesa ao preço que corre?

Era assim que as pessoas diziam o que lhes ia na alma quando um repórter os abordava, com a honra de serem uma classe trabalhadora, mas com o peito triste e revoltado. Uns e outros, todos, faziam crescer a enchente, movidos pela mesma vontade. A luta não chegou ao fim, nesse dia, não. No dia seguinte, 6 de fevereiro de



ENTRE PENSAMENTOS E CICATRIZES

Encontro-me perdida nos pensamentos alheios, preocupada com o eco do que dirão, julgamentos, receios. O medo de ser abandonada paira sobre mim, como uma ferida aberta, em busca de um fim.

O tempo estende-se diante da minha ferida a sarar, um mistério temporal, não sei quanto irá durar. Persisto na tentativa de não desmoronar, em queda livre, buscando forças para me levantar.

Desejaria calar a voz que insiste em ecoar, um constante diálogo interno que me anda a atormentar. Na mente, a narrativa de que sou incapaz, um desafio diário que tento superar, tenaz.

Busco alguém para desabafar, para partilhar, um apoio que me possa ajudar a enfrentar. E então, como próximo passo, almejo reaprender a me amar.

Ana Sofia Nunes
EBS de Santa Cruz

1931, os estivadores entraram em greve, aumentando o ambiente de tensão social, e foram assaltadas e danificadas várias moagens bem como a Companhia Insular de Moinhos. Cinco pessoas morreram e há registo de muitos feridos. Os motins continuaram até 9 de fevereiro, até que o governo central suspendeu o "Decreto da fome". Unidos somos mais fortes! A voz do povo é soberana!

UNIDOS SOMOS MAIS FORTES! A VOZ DO POVO É SOBERANA!

Webgrafia:
https://youtu.be/QdyxS94rq_0?si=yGlnq988jzhb8Zl
https://pt.wikipedia.org/wiki/Revolta_da_Farinha
https://static-storage.dnocias.pt/www-assets.dnocias.pt/documents/32Diario111022_04G5zq4.pdf



Assalto popular à Companhia Insular de Moinhos — 1931, in <https://descobermadeira.blogspot.com/2019/09/a-revolta-da-madeira-1931.html>

Luana Silva
EBS Padre Manuel Álvares (Ribeira Brava))



UMA ALEGRIA PARA OS IDOSOS E DOENTES

No dia 12 de janeiro do corrente ano, os alunos do 11.º ano, da turma C, do Curso Profissional de Técnico de Informática, Instalação e Gestão de Redes, da Escola Básica e Secundária Dona Lucinda Andrade, realizaram uma visita de estudo ao Centro de Saúde de São Vicente, situado na Estrada Dom João V, Feiteiras. A visita decorreu das 11:45 às 12:15.

A iniciativa, promovida pela direção de turma, teve como objetivo sensibilizar os estudantes para a importância da principal instituição pública do concelho relacionada com a população idosa e doente.

Tendo sempre presente os valores da solidariedade, os alunos ficaram a conhecer as diferentes equipas de apoio aos idosos — enfermeiros, médicos e auxiliares — e os respetivos espaços desta unidade de saúde. Durante meia-hora, pacientemente e com grande poder de comunicação, o enfermeiro António Vale, responsável máximo por esta valência do Centro de Saúde de São Vicente, orientou a visita, explicando aos alunos as situações mais pertinentes em cada momento: o internamento, a fisioterapia, o ginásio e a reabilitação. Trocavam-se olhares e sorrisos cúmplices entre os alunos e os idosos, alguns muito doentes.

O enfermeiro António Vale forneceu ainda informações sobre a caracterização geral da população idosa internada no Centro de Saúde. Detalhes sobre as origens — de várias partes da Região — incluindo do Porto Santo, mas principalmente da costa Norte.

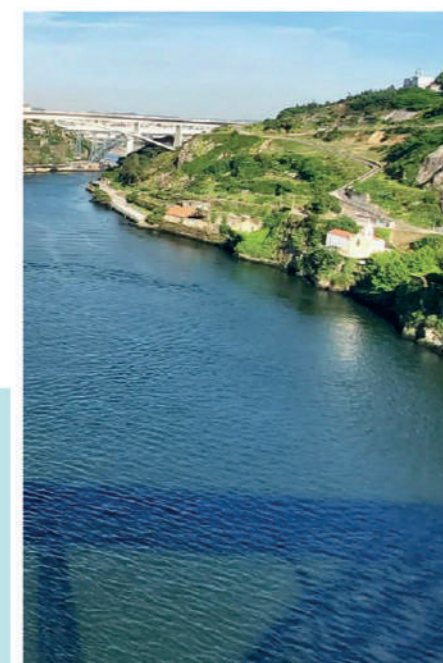
Os alunos ficaram com alguma pena quando tiveram conhecimento de que alguns dos internados estavam naquele local devido ao abandono das suas famílias. Estavam no hospital e não tinham para onde ir. Mas ficaram imensamente satisfeitos com a explicação, atenção e acompanhamento do enfermeiro António Vale.

A visita de estudo ao Centro de Saúde de São Vicente foi uma experiência única e enriquecedora para todos os alunos, contribuindo para a sua formação pessoal. No final, com alguma comoção, agradeceram ao enfermeiro António Vale por ter tirado um pouco do seu tempo para explicar e acompanhar a turma. Os alunos também se despediram, com alguma tristeza, daqueles idosos, muitos deles sem visitas dos familiares há algum tempo.

Rafael Agrela
EBS D.ª Lucinda Andrade
(São Vicente)



A RIBEIRINHA



Samira Alves
EBS de Santa Cruz



O NOSSO FAROL

"Corria o ano de 1922, na ponta mais ocidental da pérola do Atlântico..."

Era sempre assim que o meu avô começava a contar-me a história que, para sempre, ligou o destino da nossa família à construção do farol da Ponta do Pargo. «Lembro-me como se fosse hoje...», dizia, num misto de tristeza e orgulho. «Como se fosse hoje... a inauguração daquele que é o melhor farol de Portugal. O farol na Ponta da Vigia, na terra que me viu nascer, a Ponta do Pargo. Recordo a luta incansável e o esforço despendido na sua construção. Até fizeram uma estrada, vê lá tu», acrescentava, com o entusiasmo tão característico da sua voz.

Na verdade, o nosso farol era um desejo antigo. Estava previsto desde 1883 no Plano Nacional Geral de Aluminação e Balizagem. Projetado em 1911, levou mais de uma década a ser inaugurado. A 5 de junho de 1922, deu-se a concretização de um sonho. As portas abriram-se. A noite escura fez-se fértil e deu à luz um dos mais importantes faróis da ilha da Madeira. Sobranceiro, imponente e debruçado sobre o Atlântico, cercado por sublimes e desafiadoras falésias, este "sinaleiro" de embarcações, referência de vidas, com 14 metros e plantado a 312 metros de altitude, ofereceu trabalho, matando a fome a muitas famílias desta distante zona da ilha.

«Sabes, filha», continuava o meu avô. «A minha família esteve, desde que me lembro, ligada à terra e nunca tinha tido oportunidade de trabalho certo. Assim que propuseram aos meus tios participar nesta obra, não hesitaram e aceitaram, entusiasmados. Poderiam dar aos filhos o que sonharam e nunca tiveram. A obra acabou por ganhar forma e estava quase finalizada. Mal sabíamos nós que o pior estaria por acontecer...». Aqui a sua voz ficava trémula e a testa se franzia. Apesar de saber perfeitamente o que se seguiria, ao senti-lo frágil, eu dizia: «Conta, avô! Agora estou curiosa!». E ele lá recomeçava...

«É verdade, uma grande desgraça veio arruinar a nossa família. A morte de um dos meus tios. Como sabes, o farol situa-se numa área de escarpas e abismais falésias. E, se hoje em dia é perigoso, não queiras imaginar na altura... Certo dia, estava o meu tio tão concentrado em finalizar o trabalho, que não se apercebeu que se aproximara demasiado da beira. Desequilibrou-se e caiu desamparado, rolando na falésia. Ainda o tentaram resgatar, mas já nada havia a fazer. Para o meu tio o farol era noite! A dor e o luto vieram num farol de sacrifícios...». As lágrimas já eram por demais evidentes, mas o meu avô ganhava ânimo quando pensava no desfecho da história e dizia orgulhoso: «Pouco tempo após o acidente, a obra foi inaugurada, e a nossa família homenageada. Então, percebemos que...», e dizíamos então em uníssono: «a morte era luz e vida na terra e no mar». Por mais vezes que ouvisse esta história, nunca conseguia ficar indiferente.

Webgrafia:
<https://www.visitmadeira.com/pt/onde-ir/madeira/costa-oeste/calheta/miradouro-do-farol-da-ponta-do-pargo/>
https://pt.wikipedia.org/wiki/Farol_da_Ponta_do_Pargo

Inês Maciel
EBS/PE da Calheta



A LUZ DO FAROL



Era uma vez, numa pequena cidade à beira-mar, um jovem chamado Miguel. Neste espaço citadino, a maior estrutura construída era um farol, devido à atividade piscatória.

Miguel, vivia uma vida simples, trabalhava como pescador e ajudava a sua mãe a cuidar da casa. Um dia, enquanto lançava as redes ao mar, deparou-se com uma pequena garrafa de vidro. Ao puxar com cuidado, descobriu um bilhete dentro desta e, curioso, abriu-o, notando desde logo a sua caligrafia elegante.

Neste lia-se: «Caro Miguel, sei que tua vida é dedicada ao mar, mas acredito que haja algo mais que te aguarda. Vem até o farol ao entardecer, e tudo fará sentido.» Miguel ficou perplexo! Quem poderia ter escrito o bilhete e o que é que o farol tinha que ver com sua vida? Naquela tarde, ele decidiu seguir o conselho e subiu a colina em direção ao farol. Ao chegar lá, encontrou um homem idoso, sentado num banco diante do farol. Este sorriu calorosamente para o Miguel, convidando-o a aproximar-se. O homem apresentou-se como Manuel, um antigo pescador reformado. Durante horas, Manuel partilhou as suas experiências de vida e as lições que aprendera ao longo dos anos. Ouvira acerca da importância de se seguir instintos, de procurar significado além do que os olhos veem no dia a dia. Talvez, por isso, e intrigado, começou a refletir sobre a sua própria vida. Sentia que estava a viver de forma mecânica, repetindo as mesmas rotinas sem questionar o seu propósito. Manuel sugeriu que ele explorasse as suas paixões e procurasse algo que o fizesse verdadeiramente feliz. Os dias transformaram-se em semanas, e o Miguel despertara para diferentes aspetos da vida. Começou a pintar, algo que sempre quis fazer, e encontrou uma nova forma de se expressar. Também passou mais tempo com a sua mãe, compartilhando histórias e gargalhadas. Ao longo desse processo de autodescoberta, Miguel percebeu que a vida tinha muito mais a oferecer do que imaginara. O farol, que inicialmente parecia apenas um ponto de encontro, tornou-se um símbolo de orientação no seu caminho.

Miguel visitava o farol sempre que conseguia, na esperança de se reencontrar com Manuel. Um certo dia, o desejo de Miguel concretizou-se ao encontrar Manuel à porta do farol. Miguel, sem hesitar, questiona a ligação com este antigo reformado, acabando Manuel por revelar ser ele o autor do bilhete encontrado.

Manuel, notando em Miguel uma busca semelhante ao propósito que ele próprio sentira na juventude, decidiu partilhar as suas experiências e conselhos. Seu objetivo era despertar em Miguel a consciência de que a vida vai além da rotina diária, convidando-o a explorar suas paixões e descobrir significado na simplicidade. Manuel acreditava que sua orientação poderia ser um farol, guiando Miguel para um caminho mais significativo. Mesmo continuando como pescador, Miguel passou a ver o mar de forma diferente, valorizando cada onda e peixe como oportunidades de aprendizagem. Assim, o farol na colina iluminou não só o caminho de Miguel, mas também o de outros em busca de um propósito mais profundo.

A cidade à beira-mar nunca mais foi a mesma, graças a um simples convite e à coragem de navegar por novos mares.

Ana Beatriz Alves

EBS Dr. Luís Maurílio da Silva Dantas – Carmo
(Câmara de Lobos)



FOTOGRAFIA

JOGO DE SOMBRAS E LUZES



Carlos Ponte

EBS/PE/C do Porto Moniz



EVENTO

A ESCOLA VAI AO TEATRO

No passado dia 29 de janeiro, no Centro Cultural John dos Passos, a companhia 'Birra Produções', proveniente de Coimbra, presenteou algumas turmas da Escola Básica e Secundária da Ponta do Sol com a estreia da peça 'Um dia no ano da morte de Ricardo Reis'.

A peça teve como ponto de partida a conversa entre duas atrizes que, de modo jovial e jocoso, ofereceram ao público presente excertos de episódios da obra de José Saramago, 'O ano da morte de Ricardo Reis'.

Com recurso a uma linguagem cômica e coloquial, incorporaram Fernando Pessoa e o seu heterónimo Ricardo Reis, o poeta "clássico", simulando o seu encontro e, simultaneamente, procuraram explicar e questionar as relações interpessoais dos intervenientes na obra.

Ao longo da peça, o drama, num cenário pouco iluminado, e a interação com o público, foram cativando os presentes e, de forma subtil, fez-se o apelo à leitura deste romance. Com o intuito de provocar o riso nos espetadores, as atrizes reproduziram, de forma caricatural, um contexto escolar, onde os alunos, por vezes, apresentam obstáculos a leituras de textos literários. Foram proporcionados momentos divertidos, como também momentos de fruição e de respeito, tal como a obra saramaguiana o exige.

Como espetadora, considerei oportuna e produtiva a difusão desta peça no meio escolar, na medida em que contribuiu para o conhecimento de jovens atores, como também para o enriquecimento cultural de todos nós.

É fundamental não deixar o teatro cair no esquecimento. «Não tenhamos pressa, mas não percamos tempo.» Valorizemos o que é nosso, a nossa arte, a nossa cultura.

Lara Gomes

EBS da Ponta do Sol



ARTIGO
de OPINIÃO

EXAMES NACIONAIS

A obrigatoriedade dos exames nacionais é um tema que desperta polémica no mundo educacional. Enquanto alguns defendem essa prática como uma boa forma de avaliação, outros questionam o seu efetivo impacto no desenvolvimento dos alunos.

Os defensores dos exames nacionais argumentam que estes proporcionam uma forma adjetiva de avaliar o desempenho dos alunos, a nível nacional, nos anos associados do exame. Afirmam que esses exames incentivam a um maior foco e esforço dos alunos, preparando-os para desafios futuros, como processos seletivos, sejam eles académicos ou profissionais, fornecendo uma experiência valiosa de avaliação sob pressão. O sistema dos exames nacionais pode ser considerado mais equitativo, uma vez que todos os alunos enfrentam as mesmas condições, independentemente da sua origem socioeconómica ou localização geográfica.

Por outro lado, alguns críticos realçam aspetos negativos, como a pressão associada, stress extremo, ansiedade, entre outros problemas de saúde mental, devido à enorme importância atribuída a

sim?
não?

uma avaliação que pode condicionar futuras escolhas, como o curso a ingressar na universidade. Para além disso, questionam se os exames refletem as capacidades dos alunos, tendo em conta diferentes habilidades e estilos de aprendizagem.

A sua obrigatoriedade levanta também questões de equidade, já que alunos de diferentes contextos socioeconómicos podem enfrentar desafios distintos na preparação para essas avaliações, e a falta de recursos em algumas escolas pode resultar em disparidades no acesso a materiais de estudo adequados.

A capacidade de resolver problemas do cotidiano, adaptar-se a ambientes em constante mudança e colaborar eficazmente, são competências cruciais para o sucesso na vida adulta, e a avaliação educacional deve refletir estes objetivos. Como nota final, deixo duas simples questões: será que um momento de avaliação na vida de um estudante deveria ter tamanho peso percentual na sua média? E será mesmo necessário obrigar alunos, que só pretendem concluir o secundário, a fazer exames nacionais?

Mariana Abreu
EBS/PE da Calheta



Pedro Jardim EBS D.ª Lucinda Andrade (São Vicente)



Ricardo Ferreira EBS D.ª Lucinda Andrade (São Vicente)

AUTOPRETRATOS

Caligrafias À PROVA



A biblioteca do Liceu foi palco de um **Concurso de Caligrafia**, organizado pelas docentes de Português, Maria da Fonte e Quitéria Abreu, para comemorar o **Dia da Escrita à Mão**, 23 de janeiro, no qual se pretende celebrar a magia da palavra escrita e sensibilizar para a importância da prática diária da escrita à mão.

Nesta edição, toda a comunidade educativa (alunos, professores, funcionários e pais) foi convidada a partilhar as suas aptidões caligráficas ao manuscritar o poema 'Magnificat', de Miguel Torga, conhecendo previamente o Regulamento e os Parâmetros de Avaliação usados pelo júri. Os três melhores trabalhos foram premiados e expostos no espaço escolar, bem como muitos outros cujas caligrafias são dignas de mérito.

A escrita à mão traz inúmeros benefícios: estimula a motricidade fina, ativa o cérebro, desenvolve o pensamento,

favorece a literacia, reduz distrações, aumenta o foco e melhora a capacidade de leitura e a ortografia.

Por vezes, uma má caligrafia pode levar a interpretações erradas ou a um professor não conseguir decifrar o que está escrito e um aluno acaba por ficar prejudicado nas notas dos testes. Assim, a competição não só pretende cultivar e aperfeiçoar uma forma de expressão praticada nas escolas, constituindo um meio pelo qual os alunos são avaliados, como também reavivar uma arte que durante muitas gerações foi utilizada para a concretização de feitos dignos de memória.

A caligrafia importa e é preciso cuidar dela. Ela regista a nossa individualidade e identifica a autenticidade de documentos: é única e pessoal.

Jéni Calheta e Sara Silva
ES de Jaime Moniz
(Funchal)



<<Escrevo à mão, porque é como bordar. Gosto do cheiro do papel, gosto dessa coisa artesanal da escrita, o desenho das letras.>>

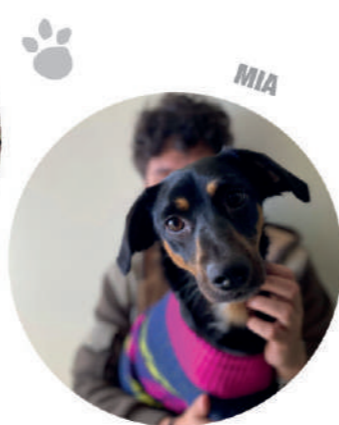
António Lobo Antunes



ARTIGO de OPINIÃO



BUDDY



MIA

DIREITOS PATUDOS

O bem-estar e os direitos dos seres humanos são assuntos abordados constantemente em todas as plataformas de comunicação. Quando se trata dos animais, a atenção dada acaba por ser um pouco diferente. Como humanos, damos sempre mais importância aos problemas que nos afetam. Mas não merecem os animais a mesma atenção, dedicação e proteção que damos aos seres humanos?

Abordando esse mesmo assunto e visando a educação, foi realizada na nossa escola uma atividade formativa com a deputada Mónica Freitas. Alguns dos temas e trabalhos apresentados abordavam a situação em que os animais domésticos vivem, a instituição do canil de Santa Cruz, uma entrevista com o presidente da Câmara Municipal de Santa Cruz, um relato de uma visita ao quartel dos bombeiros e os direitos dos animais.

Considerando as informações e relatos compartilhados, foram colocadas algumas questões, cujas respostas deveríamos levar como impulso de ação para a nossa vida. Claramente, o governo não pode fazer tudo sozinho. É imprescindível discutir estes tópicos e colaborar na formulação de alternativas para resolvê-los.

Quando questionada sobre como o partido PAN, ao qual pertence, pretende garantir que os direitos dos animais sejam cumpridos, Mónica Freitas ajudou-nos a concluir que era viável aumentar as penas e multas aos infratores. Foi também mencionada, por sugestão da professora responsável e alunos, a criação de um grupo de jovens inspetores voluntários que se encarregariam de investigar estes mesmos infratores.

Apesar de muito ter sido discutido, a mensagem principal deste encontro foi a importância dos direitos e do bem-estar dos animais, que muitas vezes dependem de nós e aos quais chamamos de amigos. Como podemos intitulá-los assim se os deixarmos dia e noite enclausurados por uma trela ou sem os cuidados de que precisam? Seria esta a forma correta de tratar um amigo? Trataríamos os seus problemas com indiferença? Não. Não o faríamos e nem o devemos fazer, com qualquer ser, principalmente com os que não se conseguem defender. Por isso é tão importante abordar assuntos como este, trabalhar com os jovens que um dia podem vir a ser melhores defensores dos direitos dos animais. Os jovens são o futuro, mas também o presente. É essencial abordar estes assuntos em comunidade, com sentido de responsabilidade e respeito pelos seres com quem habitamos a terra e que incluímos nos nossos lares.



VIOLETA E LORD



ALVIM

Maria Antónia Gouveia
EBS de Santa Cruz



ARTIGO de OPINIÃO

O AMOR MOVE O MUNDO

N um mundo onde muitas vezes reina a guerra, a crueldade, a intolerância, entre outras coisas igualmente más, o que muitas vezes nos salva é o amor que nos relaxa e liberta de toda essa tensão e stress.

Se pensarmos bem, todas as pessoas que recebem amor, qualquer que seja a forma, desde a amizade até ao amor conjugal, são pessoas mais felizes e confiantes e que conseguem obter melhores resultados a nível pessoal e profissional. Por exemplo, um atleta que recebe antes dos jogos palavras e atos de amor e coragem, tais como "tu consegues, tu és capaz, eu acredito em ti..." e por vezes um abraço, terá mais confiança em si mesmo, pois sentir-se-á apoiado pelos que ama e potencializará um melhor desempenho. Outra situação em que o amor pode mesmo salvar vidas é quando este é demonstrado aquando de situações de ansiedade e/ou depressão, visto que quando alguém está a passar por alguma destas situações, o que mais quer é sentir-se seguro no lugar

onde está e ainda seguro de si mesmo e a melhor forma de fazê-lo perceber isso é dizendo palavras de conforto, como "vai ficar tudo bem, tu vais conseguir superar isto tudo, eu estou aqui ao teu lado para te ajudar em tudo...", ou simplesmente estar presente, ao lado da pessoa, para que ela se sinta segura e para que ela saiba que, se precisar de desabafar, pode contar com essa pessoa, mas também se ela não quiser fazê-lo, sentir-se-á muito segura só com a sua presença física.

O amor é então o sentimento que nos move para um mundo melhor e mais feliz, onde todos são mais compreensivos e confiantes em si mesmos, em que ninguém fica prejudicado e todos vivem em comunhão, com paz e liberdade necessária para serem felizes como são, autênticos, sem medos.

Inês Perestrelo
EBS Dr. Ângelo Augusto da Silva
(Funchal)



ARTIGO de OPINIÃO

ENTRE CORAÇÕES

O que é o verdadeiro amor?

U ma pergunta tão fácil de responder e, simultaneamente, a mais difícil. O amor é como um abraço quente, uma conexão que une corações. É a alegria nos dias bons e o apoio nas dificuldades. Como um jardim cuidado com carinho, o amor cresce com gestos simples e momentos compartilhados. Nas palavras gentis e nos olhares que se entendem sem falar, o amor expressa-se. É como uma melodia suave que embala os dias, transformando a vida numa canção harmoniosa. Ele é o apoio nas tempestades e é o arco-íris que depois surge.

O amor, seja ele conjugal, paternal, filial ou fraternal, manifesta-se nos pequenos gestos do dia a dia: um telefonema, um abraço apertado ou um simples sorriso, é feito de cumplicidade, lealdade e apoio mútuo.

O toque suave das mãos entrelaçadas conta uma história única de união. É sobre encontrar beleza na imperfeição e aceitar quem somos. O amor é como uma dança, uma jornada partilhada com quem amamos que ilumina os momentos escuros. É a luz que guia e transforma a vida numa incrível aventura de descobertas sem fim. E para ser verdadeiro, o amor tem de ser capaz de ultrapassar barreiras e diferenças, transcender as palavras, transformar vidas, unir pessoas e construir laços eternos.

Tomás Nóbrega
ES de Jaime Moniz (Funchal)



ILUSTRAÇÃO

CONEXÃO



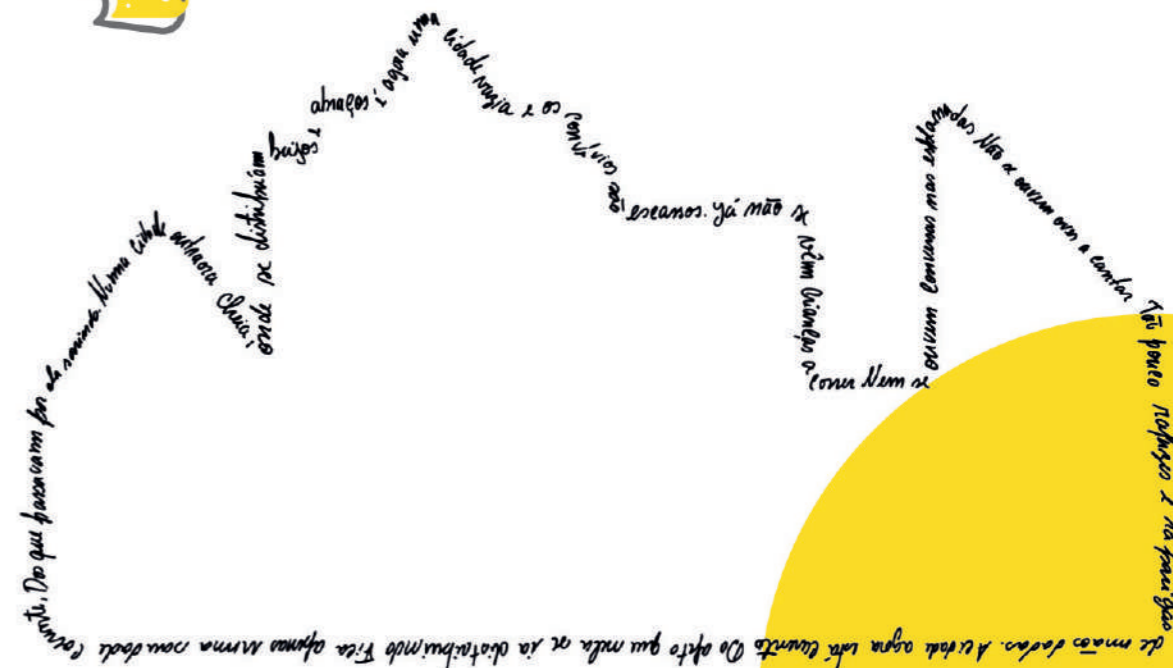
Luis Remesso
EBS de Machico

"Nesta ilustração pretendi representar um percurso desde o momento em que estamos tristes, zangados, tendo às vezes que disfarçar esses tais sentimentos, até o momento de paz e sossego de quando chegamos ao nosso lar fazendo as nossas emoções transbordarem."



POESIA VISUA

CIDADE VAZIA



Francisca Jardim
ES de Francisco Franco (Funchal)

PALESTRA AS FORÇAS ARMADAS



No dia 9 de janeiro, algumas turmas de secundário da Escola Básica e Secundária Dr. Ângelo Augusto da Silva assistiram a uma palestra sobre as Forças Armadas.

A palestra iniciou-se com um vídeo introdutório de cada uma das áreas existentes nas Forças Armadas e depois os alunos tiveram a oportunidade de ouvir três testemunhos, cujo objetivo foi divulgar o trabalho de cada uma destas áreas: a Marinha, o Exército e a Força Aérea. Assim, um sargento da Marinha deu o seu testemunho, destacou a sua presença em algumas missões e lançou aos alunos a reflexão sobre a possibilidade de seguirem este ramo das Forças Armadas, um trabalho muito aventureiro e ambicioso. De seguida, um elemento do Exército expôs o seu ponto de vista relativamente à atuação das forças terrestres, e realçou o patriotismo de toda esta corporação, tendo em vista a defesa da Pátria. Por último, uma comandante da Força Aérea alertou para o não esquecimento dos valores de coragem e camaradagem ao longo da vida, reforçando que esta é uma importante saída profissional para quem tem “altos sonhos”.

Após todos estes testemunhos, os alunos saíram com um vasto conhecimento sobre as Forças Armadas e os seus valores, os quais devem ser aplicados nas suas vidas, mesmo que não sigam este rumo profissional.

Inês Perestrelo
EBS Dr. Ângelo Augusto da Silva
(Funchal)



CÂMARA DE LOBOS E O ENCERRAMENTO DA QUADRA NATALÍCIA

NA ILHA DA MADEIRA, A QUADRA NATALÍCIA É UMA DAS ÉPOCAS MAIS FESTEJADAS PELOS MADEIRENSES, BEM COMO PELOS EMIGRANTES E TAMBÉM PELOS TURISTAS.

freguesia, é realizada uma festa em honra do padroeiro da paróquia, São Sebastião, mártir cristão, nascido em França, no ano de 255 d.C..

As festividades natalícias iniciam-se com as missas do parto, cerca de nove dias antes do dia de Natal, prolongando-se até ao dia 15 de janeiro, conhecido como o Dia de Santo Amaro, o dia de “varrer os armários”.

Assim como outras celebrações de cariz cristão, a festa deste padroeiro cativa a atenção de moradores locais e também de madeirenses de outras freguesias, sendo um ponto alto na agenda das festividades da freguesia.

Contudo, em algumas freguesias da ilha, a festa madeirense estende-se até 20 de janeiro, celebrando-se o dia de São Sebastião. É o caso das freguesias de Câmara de Lobos e do Caniçal, ambas vilas piscatórias. Por este facto, em algumas localidades de Portugal, São Sebastião é considerado o padroeiro dos pescadores.

Esta festa é considerada por habitantes locais, nomeadamente os mais idosos que procuram manter as tradições, o último dia da quadra natalícia, sendo por isto, o momento escolhido para retirar as ornamentações dos seus lares, assinalando-se deste modo a despedida solene da quadra natalícia repleta de luz e preenchida de festividades, tão característico da ilha.

Na freguesia de Câmara de Lobos, na data referida, na igreja matriz da

Daniela Caires
EBS Dr. Luís Maurílio da Silva Dantas — Carmo
(Câmara de Lobos)

BERNARDO OLIM BRILHA COMO VENCEDOR DO PRÉMIO '+CRIATIVIDADE'

O aluno **Bernardo Olim**, da ES de Jaime Moniz, foi o vencedor do Prémio '+Criatividade' da edição de janeiro do 'Ponto e Vírgula'. O seu editorial destacou-se pelo talento narrativo e pela habilidade em prender a atenção dos leitores. Este prémio reconhece e reforça o seu mérito no desempenho da tarefa como 'Editor por um dia' no PV, garantindo-lhe um *voucher* no valor de **30 euros**, gentilmente patrocinado pelo PLAZA Madeira. O 'Ponto e Vírgula' tem contado com o apoio deste espaço comercial desde 2016, agora sob a marca PLAZA. Este compromisso mantém-se através dos prémios aos jovens talentos do concurso 'Grande Ideia', continuando a ser o palco ideal para celebrar a juventude, a arte e a cultura, onde a criatividade floresce e as ideias ganham asas!

Mensalmente, os trabalhos do concurso 'Grande Ideia' adornam uma das paredes do PLAZA Madeira, transformando este local numa plataforma de promoção da criatividade e originalidade dos alunos da Região Autónoma da Madeira.

Juntos, esperamos construir memórias felizes e inspiradoras que perdurarão para além das páginas do 'Ponto e Vírgula'. **Passa por aqui** e deixa-te surpreender!

a Madeira!



+CRIATIVIDADE

